

## **Formação educacional e profissional e sucesso no mercado de trabalho: o caso dos imigrantes portugueses na Holanda**

### **Educational and professional background and success in the labor market: the case of Portuguese immigrants in the Netherlands**

### **Parcours scolaire et professionnel et la réussite sur le marché du travail: le cas des immigrants portugais aux Pays-Bas**

Silvana Fernandes LOPES

#### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é descrever a relação entre as trajetórias de educação e de ocupação profissional dos imigrantes portugueses na Holanda. Para tal, foi utilizada uma amostra constituída por portugueses que chegaram à Holanda nos dois períodos que representam o maior afluxo de imigrantes: por volta dos anos 1966 e 2002. A análise dos dados mostra uma forte relação entre o nível de formação educacional e profissional e o de ocupação laboral. Além disso, as exceções encontradas contribuem para demonstrar que a formação em serviço pode aumentar as possibilidades de ascensão no que respeita à ocupação profissional.

**Palavras-chave:** educação profissional; ocupação profissional; reconversão profissional; mercado de trabalho.

#### **ABSTRACT**

The aim of this paper is to describe the relationship between educational and professional occupation trajectories of Portuguese immigrants in The Netherlands. To this end, the sample used comprises Portuguese immigrants that arrived in The Netherlands in two periods which represent the highest influx of immigrants: around the years 1966 and 2002. The analysis of the data shows a strong relationship between the level of professional education and the level of professional occupation. Furthermore, some exceptions to the generalizations found show that in service training may lead to an improvement of the possibilities to ascend regarding the level of professional occupation.

**Index terms:** professional education; professional occupation; professional reorientation; labor market.

## RÉSUMÉ

Cet article se propose de décrire la relation entre les trajectoires de l'éducation et des activités professionnelles des immigrants portugais aux Pays-Bas. À cette fin, on a utilisé un échantillon d'immigrants portugais arrivés aux Pays-Bas en deux périodes qui représentent les plus grands afflux, aux alentours de 1966 et de 2002. L'analyse des données montre une relation forte entre le niveau de scolarisation et de professionnalisation et le niveau du travail. En outre, les exceptions rencontrées contribuent à démontrer que la formation en cours d'emploi peut augmenter les chances d'évolution professionnelle.

**Mots-clef:** Formation professionnelle; activité professionnelle; reorientation professionnelle; marché du travail.

### 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo estabelecer a relação entre o nível de formação educacional e profissional e o tipo de ocupação profissional dos imigrantes portugueses na Holanda. Para tal, a apresentação deste trabalho está organizada nas seguintes seções: 1. A imigração portuguesa na Holanda; 2. A metodologia e a amostra; 3. Formação educacional e profissional e ocupação profissional; e 4. Conclusão.

### 2. A imigração portuguesa na Holanda

A emigração faz parte da história dos portugueses (SERRÃO, 1977; GODINHO, 1978; PEREIRA, 1981; ARROTEIA, 1983; ROCHA-TRINDADE, 1986). Desde o século XV, os portugueses têm se espalhado pelo mundo, por razões distintas, dispersando-se por diferentes países. Até a década de 1960, a emigração portuguesa ocorreu predominantemente para os países transoceânicos, como Brasil, Estados Unidos, Canadá e Venezuela. A partir dessa década, a emigração voltou-se para o continente

européu, principalmente para a França, mas também para a Alemanha, Suíça, Reino Unido e Luxemburgo. O fluxo emigratório foi se modificando ao longo do tempo, apresentando uma queda nas décadas de 1980 e 1990, para depois tornar a aumentar por meio de uma nova modalidade, a do trabalho temporário. Além dos destinos principais, já citados, os portugueses estavam e/ou estão presentes em praticamente todas as partes do mundo e, dentre elas, a Holanda. Do ponto de vista quantitativo, o número de portugueses nesse país é limitado. Em 2004 (CENTRAAL BUREAU VOOR DE STATISTIEK, 2004) havia 16,3 milhões de habitantes na Holanda, dos quais 3,1 milhões eram alóctones. Desses, por exemplo, aproximadamente 350 mil eram turcos, enquanto a população portuguesa era de 17 mil habitantes.

As informações estatísticas referentes ao crescimento demográfico na Holanda mostram que a emigração portuguesa atingiu um pico em meados dos anos sessenta, outro no início dos anos 2000 e novamente em 2007. Esse movimento migratório foi relativamente idêntico àquele observado em diversos países europeus economicamente mais desenvolvidos (CENTRAAL BUREAU VOOR DE STATISTIEK, 1995-2007).

Na Tabela 1 são apresentados os dados quantitativos disponíveis sobre os imigrantes portugueses na Holanda. Nela não constam as informações referentes ao período compreendido entre 1989 e 1994 porque os relatórios demográficos desse período fornecem dados relativos à emigração portuguesa apenas para a Alemanha, Espanha, França, Reino Unido, Bélgica, Suíça e “outros países europeus”. O fato de não se destacar a Holanda, incluindo-a nessa última categoria, é uma forte indicação de que a emigração para esse país não foi expressiva no período. Parece claro, então, que os picos de emigração portuguesa para a Holanda foram os anos de 1966, 2002 e 2007 e são os dois primeiros desses picos que são tomados como pontos de referência neste artigo.

Tabela 1 - Imigrantes portugueses na Holanda no período de 1950 a 2007

Ano	Imigrantes	Ano	Imigrantes
1950	4	1979	25
1951	2	1980	38
1952	2	1981	50
1953	3	1982	12
1954	4	1983	15
1955	4	1984	17
1956	8	1985	13
1957	8	1986	18
1958	6	1987	13
1959	2	1988	15
1960	3	1989	-
1961	55	1990	-
1962	70	1991	-
1963	148	1992	-
1964	297	1993	-
1965	480	1994	-
<b>1966</b>	<b>1308</b>	1995	739
1967	401	1996	810
1968	407	1997	868
1969	420	1998	1021
1970	393	1999	1216
1971	338	2000	1434
1972	149	2001	1643
1973	394	<b>2002</b>	<b>1653</b>
1974	287	2003	1619
1975	44	2004	1349
1976	19	2005	1258
1977	34	2006	1696
1978	19	<b>2007</b>	<b>2096</b>

Fonte: Ribeiro (1986) e Centraal Bureau voor de Statistiek (1995-2007).

De acordo com Franco (1974, p. 17), o fluxo emigratório português na década de 1960 absorveu os excedentes demográficos, reduzindo a população total de Portugal em 2% entre 1961 e 1971. A maioria desses portugueses dirigiu-se para a França, como já foi mencionado, porém alguns deles emigraram para a Holanda. Esse país, em 1963, estabeleceu acordos com Portugal para recrutamento de trabalhadores. No entanto, como observou Lindo (2000, p. 128), foi necessário algum tempo para que a

emigração portuguesa para a Holanda aumentasse e somente em 1966 o número ultrapassou a casa de mil emigrantes.

Apesar da falta de informações estatísticas mais detalhadas, pode-se observar que a maioria dessas pessoas estava em situação de desemprego, de subemprego ou exercendo trabalhos manuais mal remunerados em Portugal, buscando na Holanda, então, oportunidades que não encontravam em seu país. Do ponto de vista educacional, Lindo (2000, p. 130) mostra que mais de 80% desses emigrantes tinha completado, no máximo, a educação primária em Portugal.

Dentre esses portugueses, uma parte escolheu a Holanda devido a laços familiares ou de amizade com pessoas já residentes no país ou a contratos de trabalho com empresas holandesas, como a companhia aérea KLM e os diferentes estaleiros navais no Porto de Roterdã. Outra parte desses emigrantes foi para a Holanda como refugiado político, tentando escapar da participação nas guerras coloniais. Aparentemente, a maioria desses refugiados tinha uma formação educacional e profissional mais elevada e regressou a Portugal após a Revolução dos Cravos, em 1974.

Como demonstra Lindo (2000, p. 129), a maioria dos emigrantes de 1966 reunia seus familiares pouco tempo depois da chegada do chefe da família à Holanda e mais da metade deles trazia suas esposas no prazo de um ano. Dessa forma, uma característica marcante era a emigração familiar.

Já no início dos anos 2000, assim como em outros países, o perfil do emigrante português para a Holanda tornou-se mais heterogêneo. Dentro desse grupo, há uma série de diferenças quanto às condições de vida em Portugal. Boa parte deles tinha emprego (ou subemprego) em seu país, porém resolveu “aventurar-se” visando acumular dinheiro em um curto espaço de tempo e depois retornar à sua terra natal. Outros, desempregados, emigraram em busca de um trabalho temporário e foram migrando pelos países europeus na medida em que os seus contratos terminavam. Ainda outro grupo, muito diferente dos anteriores, era formado por jovens que se

deslocaram para a Holanda com o objetivo de continuar e aperfeiçoar seus estudos e assim encontrar alternativas profissionais mais atrativas nos países mais desenvolvidos. A despeito dessas diferenças, a característica comum era a emigração individual.

Segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), no período de 2000 a 2006 houve um aumento da emigração portuguesa para cinco países da Europa: Espanha, Suíça, Luxemburgo, Bélgica e Holanda. Esses países teriam sido escolhidos por apresentarem taxas de crescimento econômico superior às de Portugal e escassez de mão de obra com alguma qualificação (INTERNATIONAL MIGRATION OUTLOOK, 2008).

### **3. A metodologia e a amostra**

A partir dos dados já apresentados, foi constituída uma amostra de imigrantes que chegaram na Holanda dentro dos dois períodos selecionados (1966 e 2002) por serem os anos de maior confluência de emigrantes portugueses.

Em função da necessidade de se incluir um número suficiente de informantes, a amostra foi ampliada para cinco anos antes e depois dos anos de referência e, doravante, será denominado o primeiro grupo como a geração de 1966 e o segundo como a geração de 2002.

Fazendo uso de um questionário sistemático, foram entrevistados 30 informantes assim distribuídos: 20 que emigraram para Amsterdã (dos quais 10 da geração de 1966 e 10 da de 2002) e 10 que emigraram para Roterdã (distribuídos em 05 para a geração de 1966 e 05 para a de 2002). Essa divisão entre cidades foi baseada na disponibilidade de informantes em função do tamanho dos grupos de imigrantes nelas residentes.

Dado o tamanho reduzido da comunidade portuguesa na Holanda, os informantes foram assim localizados: i) nas Associações Portuguesas que

servem como pontos de encontro de pessoas dessa nacionalidade (“Os Lusitanos” e “Associação Portuguesa de Amsterdam”, ambas sediadas em Amsterdã, e o “Centro Português de Rotterdam”, em Roterdã); ii) em algumas instituições de apoio a imigrantes (“Basisberaad” e o “Donadaria”, as duas sediadas em Roterdã); e iii) por meio de indicações dos próprios informantes.

Os dados básicos das pessoas que compõem a amostra são apresentados na Tabela 2.

Cabe destacar que os códigos utilizados para identificar os (grupos de) informantes são os seguintes: I = geração de 1966, II = geração de 2002; A = Amsterdã, R = Roterdã; número = identificação individual dos informantes dentro de cada geração por cidade.

Com o objetivo de ilustrar essa amostra, antes de apresentar os dados quantitativos serão descritos alguns exemplos de imigrantes da geração de 1966 e da geração de 2002. Esses exemplos podem ser considerados típicos para os dois picos de emigração de portugueses para a Holanda.

(1) O/A informante IA01 concluiu quatro anos de educação primária em Portugal. Começou a trabalhar ainda jovem, com 12 anos, como aprendiz, desempenhando tarefas rotineiras de auxiliar em diferentes locais. Emigrou para a Holanda em busca de condições melhores de vida. Um parente havia lhe arranjado um trabalho no setor de frete da KLM. Segundo ele, trabalhavam nessa empresa por volta de 120 portugueses na época e era possível comunicar-se utilizando somente a língua portuguesa. Ficou nesse emprego até a sua aposentadoria.

(2) O/A informante IR01 concluiu quatro anos da educação primária em Portugal. Começou a trabalhar com 11 anos como aprendiz de serralheiro, mudando de local de trabalho muitas vezes. Com 18 anos passou para 1º Oficial em serralheria civil e ganhava melhor porque era especializado. Emigrou para a Holanda para ganhar mais dinheiro e também em razão do sistema político vigente em Portugal na época. Um amigo português que

trabalhava em um estaleiro naval em Roterdã arranhou-lhe um emprego, no qual ele permaneceu até a aposentadoria.

(3) O/A informante IA05, depois de completar a educação secundária em Portugal, emigrou para a Holanda como refugiado político. Na Holanda, cursou a graduação e a pós-graduação, concluindo o doutoramento. É professor universitário.

(4) O/A informante IIA09 concluiu o 2º ciclo em Portugal. Começou a trabalhar com 13 anos, mudando de emprego várias vezes na medida em que conseguia uma proposta salarial melhor, variando também o tipo de ocupação profissional. Depois de trabalhar dessa forma por 16 anos, foi para a Holanda visando acumular dinheiro em pouco tempo e quitar a casa comprada em Portugal. Um amigo que trabalhava em uma empresa engarrafadora de vinhos arranhou-lhe o emprego. Nele pode falar em português porque há vários portugueses que lá trabalham.

(5) O/A informante IIR03 concluiu a educação profissional (ensino secundário técnico) em Portugal. Depois de atuar como serralheiro durante 15 anos em diferentes empresas naquele país, passou a trabalhar em refinarias na Suécia, Holanda, Alemanha e França, com contratos temporários. Ia e vinha de Portugal, emigrando definitivamente para a Holanda 5 anos depois porque ficou desempregado e tinha antigos amigos da escola que trabalhavam como serralheiros em Roterdã. Conseguiu, então, junto a um empreiteiro português, emprego de serralheiro em diversas refinarias e centrais termoelétricas. Desde o início de 2007 trabalha como empregado fixo em um estaleiro. Fez alguns cursos de formação em serviço, especializando-se como tubista.

(6) O/A informante IIA05 fez o curso de canto profissional no conservatório e trabalhou em alguns coros enquanto cursava o ensino superior em Portugal. Abandonou o curso e foi para Amsterdã com o objetivo de aperfeiçoar-se em canto. Escolheu a Holanda porque tinha amigos que lhe arranjaram um lugar para morar. Concluiu o curso de canto no

Conservatório de Amsterdã, onde estudam cerca de 50 alunos portugueses, e trabalhou em diversos coros da cidade para pagar parte dos estudos. Trabalha como solista *free-lance*.

Tabela 2 - Composição da amostra

Informante	Cidade	Ano de imigração	Ano de nascimento	Sexo	Distrito de nascimento	Distrito antes da imigração
IA01	Amsterdã	1969	1941	Masc.	Santarém	Lisboa
IA02	Amsterdã	1970	1948	Masc.	Lisboa	Lisboa
IA03	Amsterdã	1964	1937	Masc.	Lisboa	Lisboa
IA04	Amsterdã	1970	1942	Masc.	Braga	Lisboa
IA05	Amsterdã	1970	1944	Masc.	Beja	Lisboa
IA06	Amsterdã	1966	1940	Masc.	Lisboa	Lisboa
IA07	Amsterdã	1965	1943	Fem.	Lisboa	Lisboa
IA08	Amsterdã	1970	1949	Fem.	Lisboa	Lisboa
IA09	Amsterdã	1962	1925	Masc.	Lisboa	Lisboa
IA10	Amsterdã	1966	1927	Masc.	Vila Real	Lisboa
IR01	Roterdã	1965	1936	Masc.	Lisboa	Lisboa
IR02	Roterdã	1970	1941	Fem.	Faro	Faro
IR03	Roterdã	1965	1934	Masc.	Lisboa	Lisboa
IR04	Roterdã	1966	1941	Masc.	Beja	Lisboa
IR05	Roterdã	1962	1934	Masc.	Évora	Lisboa
IIA01	Amsterdã	2004	1980	Masc.	Santarém	Santarém
IIA02	Amsterdã	2000	1953	Masc.	Setúbal	Setúbal
IIA03	Amsterdã	2002	1980	Masc.	Coimbra	Coimbra
IIA04	Amsterdã	2001	1959	Masc.	Lisboa	Lisboa
IIA05	Amsterdã	2001	1973	Masc.	Lisboa	Lisboa
IIA06	Amsterdã	2001	1976	Masc.	Porto	Porto
IIA07	Amsterdã	2002	1955	Fem.	Portalegre	Portalegre
IIA08	Amsterdã	2002	1977	Fem.	Lisboa	Lisboa
IIA09	Amsterdã	2005	1976	Masc.	Porto	Porto
IIA10	Amsterdã	2003	1978	Fem.	Lisboa	Lisboa
IIR01	Roterdã	1999	1953	Masc.	Guarda	Lisboa
IIR02	Roterdã	2001	1948	Masc.	Vila Real	Vila Real
IIR03	Roterdã	2005	1961	Masc.	Lisboa	Lisboa
IIR04	Roterdã	2001	1975	Masc.	Lisboa	Lisboa
IIR05	Roterdã	2001	1974	Fem.	Setúbal	Setúbal

## 4. Formação educacional e profissional e ocupação profissional

### 4.1. Os dados

Na Tabela 3 são apresentados os dados referentes à formação educacional e profissional e ao nível de emprego dos imigrantes que compõem a amostra, organizados segundo o número de anos dedicados à formação que não fosse primária/secundária, ou seja, à formação específica para o exercício de uma profissão. As informações contidas nessa tabela são as seguintes:

Coluna 1: Código do informante, como explicado em relação à Tabela 2;

Coluna 2: Número de anos de educação primária/secundária que o informante concluiu (essa categorização bastante genérica é necessária pois a organização do sistema educativo em Portugal mudou entre os dois períodos estudados e, portanto, os membros da primeira e da segunda geração estudaram segundo estruturas de ensino diferentes);

Coluna 3: Número de anos de educação profissional que o informante completou, definida como o tipo de ensino que se destina à preparação para uma ocupação laboral específica;

Coluna 4: Número de anos de ensino superior que o informante completou. Foi adicionado um “D” quando o informante obteve o título de doutorado;

Coluna 5: Número de anos dedicados à formação em serviço (especificado em anos e meses, separados por um ponto e vírgula);

Coluna 6: Número de anos de educação, excluindo a educação primária/secundária, especificado em anos e meses, separados por um ponto e vírgula. Isso equivale à soma total das colunas 3, 4 e 5 e corresponde à formação profissional;

Coluna 7: Nível de emprego no momento da entrevista, classificado de acordo com uma versão reduzida da *International Standard Classification of Occupations* (1988). A classificação utilizada tem as seguintes categorias:

A: um trabalho que consiste na execução de tarefas simples e rotineiras;

B: um trabalho que requer experiência e compreensão de um equipamento específico ou de um processo específico;

C: um trabalho que exige a compreensão de todas as etapas do processo de produção ou de administração;

D: um trabalho que é essencialmente de natureza científica ou intelectual.

Tabela 3 - Formação educacional e profissional e nível de emprego dos informantes

1. Informante	2. Número de anos de educação primária/secundária	3. Número de anos de educação profissional	4. Número de anos de ensino superior	5. Número de anos de formação em serviço	6. Número total de anos após a educação primária/secundária	7. Nível de emprego
IA01	4	0	0	0	0	A
IA02	4	0	0	1	1	B
IA03	4	0	0	0;6	0;6	A
IA04	4	0	0	0	0	A
IA05	12	0	15 (D)	0	15	D
IA06	7	0	0	0	0	A
IA07	11	4	3	1	8	D
IA08	11	1	0	0;6	1;6	B
IA09	8	0	0	0	0	A
IA10	4	0	0	0	0	A
IR01	4	0	0	0	0	B
IR02	4	0	0	0;6	0;6	A
IR03	11	0	0	3;9	3;9	C
IR04	5	0	0	0;6	0;6	B
IR05	5	0	0	0	0	B
IIA01	12	0	0	0;9	0;9	B
IIA02	6	0	0	0	0	A
IIA03	12	0	9 (D)	0	9	D
IIA04	4	0	0	0;1	0;1	B
IIA05	12	5	4	0	9	D
IIA06	12	3	0	0	3	C
IIA07	4	0	0	0	0	A
IIA08	12	5	5	0	10	C
IIA09	12	0	0	0	0	A
IIA10	12	0	0	0;1	0;1	B
IIR01	6	3	0	2	5	B
IIR02	4	0;3	0	0	0;3	A
IIR03	6	5	0	2	7	B
IIR04	12	0	0	6	6	B
IIR05	12	3	3	1	7	C

## **4.2. Possíveis correlações**

Tendo em vista o objetivo deste trabalho, uma série de correlações são interessantes. Cabe aqui destacar que o número de informantes disponível para esta pesquisa não permite a aplicação de métodos estatísticos padrão. No entanto, os números são suficientemente significativos para possibilitar as conclusões abaixo:

- Há uma correlação entre o número de anos de educação primária/secundária (coluna 2) e o nível de emprego (coluna 7);
- Há uma correlação entre o número de anos de educação profissional (coluna 3) e o nível de emprego (coluna 7);
- Há uma correlação entre o número de anos de ensino superior (coluna 4) e o nível de emprego (coluna 7);
- Há uma correlação entre o número de anos de formação em serviço (coluna 5) e o nível de emprego (coluna 7).

Os últimos três itens dizem respeito à correlação entre a educação voltada para a formação em uma profissão específica e um determinado nível de emprego; por essa razão faz sentido reagrupá-los. Assim, é possível reorganizar as correlações da seguinte forma:

- Há uma correlação entre o número de anos de educação primária/secundária (coluna 2) e o nível de emprego (coluna 7);
- Há uma correlação entre o número de anos de educação após a escola primária/secundária (coluna 6) e o nível de emprego (coluna 7).

São essas duas correlações que serão priorizadas nas próximas subseções.

## **4.3. Educação primária/secundária e nível de emprego**

Para explorar a relação entre o número de anos de educação primária/secundária e o nível de emprego, os dados da Tabela 4 são organizados de maneira tal que seja possível mostrar uma ordem crescente

na coluna 2. A subdivisão dentro de cada grupo toma como critério os valores contidos na coluna 6.

Tabela 4 - Educação primária/secundária e nível de emprego

1. Informante	2. Número de anos de educação primária/secundária	3. Número de anos de educação profissional	4. Número de anos de ensino superior	5. Número de anos de formação em serviço	6. Número total de anos após a educação primária/secundária (3+4+5)	7. Nível de emprego
IA01	4	0	0	0	0	A
IA04	4	0	0	0	0	A
IA10	4	0	0	0	0	A
IR01	4	0	0	0	0	B
IIA07	4	0	0	0	0	A
IIA04	4	0	0	0;1	0;1	B
IIR02	4	0;3	0	0	0;3	A
IA03	4	0	0	0;6	0;6	A
IR02	4	0	0	0;6	0;6	A
IA02	4	0	0	1	1	B
IR05	5	0	0	0	0	B
IR04	5	0	0	0;6	0;6	B
IIA02	6	0	0	0	0	A
IIR01	6	3	0	2	5	B
IIR03	6	5	0	2	7	B
IA06	7	0	0	0	0	A
IA09	8	0	0	0	0	A
IA08	11	1	0	0;6	1;6	B
IR03	11	0	0	3;9	3;9	C
IA07	11	4	3	1	8	D
IIA09	12	0	0	0	0	A
IIA10	12	0	0	0;1	0;1	B
IIA01	12	0	0	0;9	0;9	B
IIA06	12	3	0	0	3	C
IIR04	12	0	0	6	6	B
IIR05	12	3	3	1	7	C
IIA03	12	0	9 (D)	0	9	D
IIA05	12	5	4	0	9	D
IIA08	12	5	5	0	10	C
IA05	12	0	15 (D)	0	15	D

A: trabalho que consiste na execução de tarefas simples e rotineiras; B: que requer experiência e compreensão de um equipamento específico ou de um processo específico; C: que exige a compreensão de todas as etapas do processo de produção ou de administração; D: que é essencialmente de natureza científica ou intelectual.

Os dados mostram uma correlação muito clara, uma vez que os informantes que não concluíram 11/12 anos de educação primária/secundária<sup>1</sup> têm, no máximo, um emprego de nível B e os informantes com empregos de níveis C e D nunca têm menos do que 11/12 anos de educação primária/secundária. Por outro lado, há informantes com empregos de níveis de emprego A e B que completaram 11/12 anos de educação primária/secundária. Esses resultados podem ser representados graficamente na Figura 1.

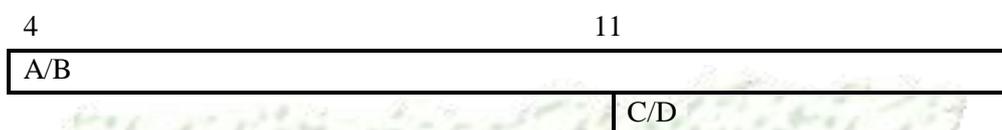


Figura 1 - Correlação entre anos de educação primária/secundária e nível de emprego

A: trabalho que consiste na execução de tarefas simples e rotineiras; B: que requer experiência e compreensão de um equipamento específico ou de um processo específico; C: que exige a compreensão de todas as etapas do processo de produção ou de administração; D: que é essencialmente de natureza científica ou intelectual.

Formulada de maneira diferente, a Figura 1 mostra que os informantes com emprego de níveis C e D nunca têm menos que 11/12 anos de educação primária/secundária, e que os que cursaram período inferior a 11/12 anos de educação primária/secundária nunca possuem empregos de níveis C e D. Essa é uma conclusão já esperada para empregos de nível D, uma vez que empregos de natureza científica ou intelectual pressupõem formação superior, o que, por sua vez, implica a conclusão da educação primária/secundária.

Entretanto, essa conclusão não se aplica a empregos de nível C porque podem ser ocupados por indivíduos com formação profissional ou que realizaram formação em serviço, como demonstrado a seguir.

<sup>1</sup> Durante o período abrangido por este estudo, houve algumas mudanças no sistema educativo português. No que se refere ao número de anos da educação de base (primária e secundária), houve um aumento de 11 para 12 anos. Os informantes que concluíram 11/12 anos de escolaridade, referidos neste artigo, são os que realmente concluíram a educação primária e secundária, tanto em 11 quanto em 12 anos.

#### **4.4. Educação após ensino primário/secundário e nível de emprego**

Para explorar as correlações entre o número de anos de formação após a conclusão da educação primária/secundária e o nível de emprego, os dados da Tabela 5 são organizados de tal maneira que se pode observar uma ordem crescente na coluna 6. A subdivisão dentro de cada grupo toma como critério os valores da coluna 2.

Tabela 5 - Formação após educação primária/secundária e nível de emprego



1. Informante	2. Número de anos de educação primária/secundária	3. Número de anos de educação profissional	4. Número de anos de ensino superior	5. Número de anos de formação em serviço	6. Número total de anos após a educação primária/secundária (3+4+5)	7. Nível de emprego
IA01	4	0	0	0	0	A
IA10	4	0	0	0	0	A
IR01	4	0	0	0	0	B
IIA07	4	0	0	0	0	A
IR05	5	0	0	0	0	B
IIA02	6	0	0	0	0	A
IA06	7	0	0	0	0	A
IA09	8	0	0	0	0	A
IIA09	12	0	0	0	0	A
IA04	4	0	0	0	0	A
IIA04	4	0	0	0;1	0;1	B
IIA10	12	0	0	0;1	0;1	B
IIR02	4	0;3	0	0	0;3	A
IA03	4	0	0	0;6	0;6	A
IR02	4	0	0	0;6	0;6	A
IR04	5	0	0	0;6	0;6	B
IIA01	12	0	0	0;9	0;9	B
IA02	4	0	0	1;0	1;0	B
IA08	11	1	0	0;6	1;6	B
IIA06	12	3	0	0	3;0	C
IR03	11	0	0	3;9	3;9	C
IIR01	6	3	0	2;0	5;0	B
IIR04	12	0	0	6;0	6;0	B
IIR03	6	5	0	2;0	7;0	B
IIR05	12	3	3	1;0	7;0	C
IA07	11	4	3	1;0	8;0	D
IIA05	12	5	4	0	9;0	D
IIA03	12	0	9 (D)	0	9;0	D
IIA08	12	5	5	0	10;0	C
IA05	12	0	15 (D)	0	15;0	D

A: trabalho que consiste na execução de tarefas simples e rotineiras; B: que requer experiência e compreensão de um equipamento específico ou de um processo específico; C: que exige a compreensão de todas as etapas do processo de produção ou de administração; D: que é essencialmente de natureza científica ou intelectual.

Os dados revelam novamente algumas correlações bastante claras, uma vez que os informantes que não completaram pelo menos três anos de formação após a educação primária/secundária não possuem empregos de níveis C e D e todos os informantes com oito anos de formação após a

conclusão da educação primária/secundária possuem empregos de níveis C e D.

Nesse caso, porém, outras distinções podem ser observadas entre os empregos de níveis A e B e entre aqueles de níveis C e D. Quanto ao primeiro grupo, os informantes com empregos de nível A nunca tiveram mais de seis meses de educação depois da educação primária/secundária e aqueles com empregos de nível B tiveram até sete anos de formação após a conclusão da educação primária/secundária. Já quanto ao segundo grupo, os informantes com empregos de nível C podem ser encontrados dentre aqueles com formação entre três e dez anos após a educação primária/secundária e os que possuem empregos de nível D têm, pelo menos, oito anos de formação após a educação primária/secundária. Esses resultados podem ser representados graficamente na Figura 2.

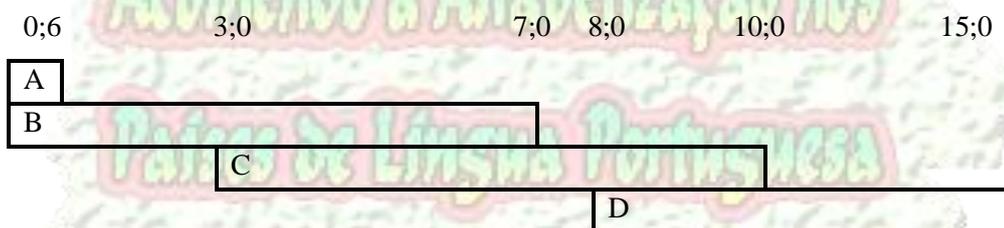


Figura 2 - Correlação entre a formação após a educação primária/secundária e o nível de emprego

A: trabalho que consiste na execução de tarefas simples e rotineiras; B: que requer experiência e compreensão de um equipamento específico ou de um processo específico; C: que exige a compreensão de todas as etapas do processo de produção ou de administração; D: que é essencialmente de natureza científica ou intelectual.

É interessante observar que alguns informantes com poucos anos de educação primária/secundária e (quase) nenhuma formação posterior trabalham em empregos de nível B, como é o caso de IR01, IR05 e IIA04. Todos eles obtiveram um trabalho desse nível porque aprenderam uma profissão específica acumulando experiência durante o exercício do trabalho.

## 5 Conclusão

Como pode ser mostrado neste trabalho, há certamente uma forte relação entre a formação educacional e a profissional e o sucesso no mercado de trabalho entre os imigrantes portugueses na Holanda. Fica claro que o nível de educação primária/secundária é bastante decisivo para a obtenção de empregos no que diz respeito ao conjunto de trabalhos A/B e C/D. Tomando como ponto de comparação a educação que não fosse primária/secundária, vê-se que existe uma relação estreita entre o número de anos desse tipo de educação e o nível de trabalho obtido, o que demonstra que a formação dedicada especificamente à profissão interfere fortemente no percurso profissional. Os casos excepcionais confirmam essa conclusão porque mostram que a aprendizagem específica no emprego pode aumentar as possibilidades de ascensão no nível ocupacional.

### Referências bibliográficas

ARROTEIA, J. C. **A imigração portuguesa: suas origens e distribuição.** Lisboa: ICALP, 1983.

CENTRAAL BUREAU VOOR DE STATISTIEK. **Allochtonen in Nederland.** Voorburg/Heerlen: Centraal Bureau voor de Statistiek, 1995-2007.

CENTRAAL BUREAU VOOR DE STATISTIEK. **Allochtonen in Nederland 2004.** Voorburg/Heerlen: Centraal Bureau voor de Statistiek, 2004.

FRANCO, A. S. **A imigração para a Europa no conjunto da imigração portuguesa.** Lisboa: Livraria Editora Pax, 1974.

GODINHO, V. M. L'Immigration Portugaise (XVe-XXe siècles). Une constante structurale et les Responses aux Changements du Monde. **Revista de História Econômica e Social**, Lisboa, n.1, p. 5-32, 1978.

INTERNATIONAL MIGRATION OUTLOOK. OECD: SOPEMI Edition, 2008. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dataoecd/30/13/41275373.pdf>> Acesso em: 07 maio 2012.

INTERNATION STANDARD CLASSIFICATION OF OCCUPATIONS. International Labour Organization, 1988. Disponível em: <<http://www.ilo.org/public/english/bureau/stat/isco/index.htm>>. Acesso em: 07 maio 2012.

LINDO, M. P. The silent succes. The social advancement of Southern European labour migrants in the Netherlands. In H. Vermeulen & R. Penninx (Org.). **Immigrant integration. The Dutch case**. Amsterdam: Het Spinhuis, p. 123-152, 2000.

PEREIRA, M. H. **A política portuguesa de imigração (1850 a 1930)**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

RIBEIRO, F. G. C. **Emigração portuguesa**: algumas características dominantes dos movimentos no período de 1950 a 1984. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. Centro de Estudos. Série Migrações, 1986.

ROCHA-TRINDADE, M. B. **A Imigração**. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, 1986.

SERRÃO, J. **A imigração portuguesa**: sondagem histórica. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

## **AUTORA**

Silvana Fernandes **LOPES**

UNESP/São José do Rio Preto

**Contato:** silvanaflopes@gmail.com

Artigo recebido em fevereiro de 2012.

Aceito para publicação em março de 2012.

### **Como citar este texto:**

LOPES, S. F. Formação educacional e profissional e sucesso no mercado de trabalho: o caso dos imigrantes portugueses na Holanda. **Revista Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 13, pp. 80 – 99, Set. 2012. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>.

